

JARDIM DE INFÂNCIA

Na frente da porta gradeada, um homem morbidamente alto, que pensei a princípio ser o guarda, e era um amigo atual, me olhava com um sorrisinho no canto da boca por adivinhar que eu planejava ficar ali. Fiquei envergonhada, mas pensei comigo que ele não devia saber o caminho que eu tinha feito até então, do contrário não agiria assim. No íntimo me ocorriam imagens de uma viagem difícil, feita numa plataforma atrelada a um trilho, sem paredes do lado, e na qual eu vim a passar um frio que chegava a ser doloroso. Também relativizei o julgamento que fazia de meu amigo ao lembrar que eu poderia estar tomando como fato algum sonho, sempre faço isso e também no sentido inverso. Então me agachei e, enquanto o fazia, virei duas ou dois, e observava a bola com tranquilidade – era eu que agora rolava para dentro da escolinha, e eu estava do lado de fora também, a quem não aconteceria nada mais. Eu aumentava de volume enquanto ia escorregando por um buraco na portinhola de arame; me concentrando um pouco na situação é que me dei conta que eu estava completamente entalada, e eu lá fora já não existia; por sorte e embora o problema não tivesse solução – eu já tinha me resignado a isso –, houve como uma mudança de plano, e agora, devolvida a minha forma original, aparecia na cozinha que faz as merendas. Era tudo azul, mas não muito limpo, e uma pesada cortina de juta vermelha, um tanto inadequada para aquele ambiente – porque se estivesse suja não o saberíamos –, impedia a entrada de luz. Tinha medo de tocar nela e vir uma avalanche de poeira. Com o ambiente assim protegido do sol, não conseguia calcular o tempo, o que me apertava o peito, pois tinha um compromisso importante

em algum momento que devia estar perto; mas então um cheiro de mingau familiar me amolece e é quando reconsidero a urgência da tarefa. Não sei de qual corredor, pois nem havia algo assim, surgia uma cozinheira negra e extremamente gorda – *deve ser americana*, pensei –, embora fizesse todo o sentido a sua aparição, pelo som das panelas no fogão e pelo mingau. Mas então senti um estremecimento quando ela deu um sorriso com os dentes que deveriam estar na boca de uma amiga – eles caíam em diagonal e lhe davam um ar, como já tinha descoberto, de tubarão de desenho animado, o que quase teria me levado a rir, não fosse o fato de eu não tolerar essa condescendência de minha parte; em todo caso não demorou que ela me fizesse um aceno simpático com a cabeça, logo inclinada para o lado, e isso me deixou de um jeito que era como se eu não tivesse pensado em nada aflitivo antes.

Tudo isso já parecia ir longe quando corro para pegar o teleférico de volta. Tinha feito a bobagem de embarcar num quando cruzava a avenida em meio a uma pausa do trabalho, e achei que valia a pena a curiosidade – não avançamos muito sem ela, e o caminho eu tinha na palma das mãos. Mas um homem a quem pergunto – talvez porque fosse atraente – me indica, sem dizer nada, com o indicador da mão direita em riste, que a condução sai lá em cima, lá em cima! Como se a repetição tivesse me dado asas, logo estou numa rua rebaixada, da qual se eleva outra, fazendo uma grande curva para a esquerda. Subo a escadinha que dá acesso ao plano superior e verifico que as ruas são de pedra, *devo estar numa cidade histórica*, pensei surpresa de que algo assim ainda existisse; vou seguindo o caminho e me aproximando da ponta de onde sairia o teleférico; à certa distância já posso ver que há um amontoado de gente e sei que não será fácil

a luta. Quando chego, não há mais ninguém – eu o terei perdido? Se tivesse me apressado... sempre me distraio além do tolerável. Mas surge um carro vindo da avenida pela direita. Já há muitas pessoas dentro, inclusive no porta-mala, mas não sei como que já me vejo ali e, o melhor, numa parte em que minha dignidade ainda não está ameaçada; evidentemente o alívio não diminui mesmo se quem está assim sentada está vestida de tule rosa, com uma fita de cetim dourado na cabeça e um cabelo cortado de uma maneira como jamais foi o meu. Mas sou eu, disso não tenho dúvida, e como fico satisfeita que o carro chegará em tempo depois de um enredo assim complicado.